

POSTAGENS DIGITAIS DA AMAZÔNIA OCIDENTAL: MOVIMENTOS PRÓ-EDUCAÇÃO NAS REDES SOCIAIS DO FACEBOOK

DIGITAL POSTS FROM THE WESTERN AMAZON: PRO-EDUCATION MOVEMENTS ON FACEBOOK SOCIAL NETWORKS

Robson Fonseca Simões 1

Resumo: Trazer para o debate as postagens dos usuários da internet, mais especificamente nas páginas das escolas rondonienses no Facebook, constitui-se uma possibilidade. Refletidas neste artigo como movimentos pró-Educação, numa tentativa de diálogo com a pesquisa de Pós-doutorado apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade estadual do Rio de Janeiro, este trabalho procura problematizar os posts dos territórios da web, considerados fontes para a historiografia da Educação rondoniense; os depoimentos mantêm acesas as chamas de participação ativa e democrática junto à vida escolar. Cabe à tela, a capacidade de conceder um brilho à vida recriada no espaço midiático, no qual os sujeitos manejam as linguagens, com vistas à produção de sentidos. Os cliques tornam visíveis as memórias escolares, demandando novas interpretações. Chartier (2009) e Sibilia (2008) ajudam a refletir que as postagens representam valores culturais, práticas sociais para o reconhecimento e representação das histórias da Educação da Amazônia.
Palavras-chave: Postagens Escolares. Facebook. História da Educação.

Abstract: Bringing the internet users' posts to discussion, specifically on schools' pages in Rondônia on Facebook, it's possible. Reflected in this article as pro-Education movements, in an attempt to dialogue with the Postdoctoral research presented in the Graduate Program in Education at the State University of Rio de Janeiro, this work seeks to problematize posts from the web's territories, considered sources for the historiography of Education in Rondônia; the testimonies keep alive the flames of active and democratic participation in school life. It is up to computer screen, the ability to give a shine to life recreated in the media space, in which the subjects manage the languages, with a view to the meanings' production. Clicks make school memories visible, demanding new interpretations. Chartier (2003) and Sibilia (2008) help to reflect that the posts represent cultural values, social practices for the recognition and representation of the Education's History from the Amazon.

Keywords: School Posts. Facebook. History of Education.

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação
Profissional e Tecnológica do Câmpus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins
- IFTO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4727902665047605>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1939-6688>. E-mail: rodrigo@ifto.edu.br 1

Doutor e Orientador Programa de Pós-graduação em Educação
Profissional e Tecnológica do Câmpus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins
- IFTO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1876078696481702>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5171-4877>. E-mail: ccm@ifto.edu.br 2

Professor Especialista da Unitins - Câmpus Palmas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6253121821556094>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4489-124X>. E-mail: mailson.so@unitins.br 3

Oi, galera! Tudo bem?! Ajude a manter esta página viva! Mande suas fotos e de seus amigos, eventos da nossa escola, links com informações importantes, vamos fazer movimentos pela educação e vamos publicar aqui na página do Rio Branco.

Em solenidade na noite de sexta-feira (18), em Porto Velho, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Barão de Solimões foi homenageada pela passagem do seu nonagésimo aniversário. Vamos celebrar, galera, esta nossa história da escola

Histórias escolares na web: considerações iniciais

O que é possível observar em comum na epígrafe deste estudo? Numa primeira tentativa de aproximação, observam-se dois *scraps*, mensagens, depoimentos, *posts*, deixados pelos usuários nas Páginas das escolas rondonienses Rio Branco e Barão de Solimões no *Facebook*, redes sociais digitais, ajudando a refletir que, se era possível andar pelo passado através de variados registros encontrados nos mais diversos documentos, no esforço em preservar, valorizar, difundir e tentar compreender as histórias dos sujeitos, hoje, quando se navega na internet encontram-se, também nas páginas das redes sociais virtuais, um repertório de linguagens que permitem revisitar o passado escolar através das postagens dos sujeitos sociais.

A memória é aqui refletida, no mesmo sentido de Jelin (2017), como narrativa híbrida autobiográfica que marca o acadêmico e a subjetividade do sujeito; dessa forma, o passado se determina, também, pelos sentidos no presente, constituídos como objetos de diálogo e disputa.

Um convite para a participação dos estudantes, amigos e todos os que conhecem e frequentam a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco, como num passo de magia, procura incentivar os usuários a mandarem as suas fotos, postarem *links* com informações importantes, incentivando também os navegadores a participarem dos movimentos a favor da Educação, assim como a passagem do nonagésimo aniversário da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Barão de Solimões, como num brado de celebração escolar, procura suscitar um movimento pró-Educação, reconhecendo e valorizando aquelas instituições de ensino naquele espaço virtual.

A História da Educação também entra em cena nesse debate, propondo tornarem mais visíveis os caminhos da construção da memória ou das memórias que nos constituem como sujeitos históricos. Nesse sentido, Nora (1993) sugere que a memória é viva, carregada por grupos vivos e por ser viva está sempre em evolução, uma hora prevalecendo as lembranças, em outras, o esquecimento.

As preocupações dessa discussão miram-se em se poder refletir que as postagens nas páginas da rede social *Facebook* também representam valores, atividades cotidianas e práticas educativas que permitem o conhecimento institucional para além dos documentos institucionais. As redes sociais virtuais são também feitas de produções e sentidos, permitindo-nos elaborar e partilhar os novos significados construídos em trânsito e em processo com os recursos digitais, através da tecnologia da tinta eletrônica (Rodriguez de La Flor e Escandell Montiel, 2014), procurando despertar a atenção dos ex-alunos, estudantes, professores, gestores, com movimentos pela Educação rondoniense permeadas de nostalgia, afeto, saudades, elogios, com postagens sobre os tempos escolares.

Pesquisadores vêm ampliando os horizontes de pesquisa científica sobre o universo tecnológico a partir de vários pontos de vista (Campos, 2013; Martins, 2018), procurando buscar respostas para algumas questões sobre as interações sociais na *web*, sobre as práticas sociais de um tempo de internet. O conjunto das postagens digitais pode oferecer pistas do período passado e permite encontrar descrições variadas sobre a vida cotidiana escolar, as representações de uma época, que podem ser vistas no sentido de Bloch (2002, p.48) quando destaca: “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou

escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca, pode e deve informar-nos sobre ele”.

Estudiosos (Sibilia, 2008; Simões, 2018; Campos, 2013) sugerem que quando alguém se propõe a apresentar o passado é porque tem em mente fixar um sentido na sua trajetória; as histórias escolares postadas no *Facebook* ganham sentido na medida em que vão sendo apresentadas, destacadas, com imagens, discursos, relatos dos usuários, acumulando-se umas com as outras, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o sujeito compartilha as suas histórias e experiências escolares.

As reflexões de Thomson (1997) anunciam que o historiador deve ficar atento às várias naturezas de memórias acumulando-se ao longo do tempo, e à pluralidade de versões sobre o passado, fornecidas por diferentes locutores e suportes: fábulas, lendas, músicas, artefatos, escritas, imprensa, mídia; enfim, é possível pensar em tipologias diversas que mantêm vivas as histórias e os significados históricos, oferecendo, portanto, repertórios variados de fontes aos investigadores de geração em geração.

Na historiografia da Educação brasileira observam-se pesquisas e estudos mais concentrados nas regiões sul e sudeste do país, com um maior número de

Programas de Pós-Graduação em Educação, Financiamentos e Agências de Fomentos e da própria organização dos acervos nas instituições de guarda.

No caso do estado de Rondônia, os estudos ainda são incipientes, mas já se podem observar os investimentos da FAPERÓ para os editais de pesquisas em Educação. Certamente os documentos que falam da Legislação, do currículo escolar, das matrículas dos estudantes, dos demais assuntos que tratam da escolarização podem ser encontrados tanto na Biblioteca Municipal de Porto Velho, no Núcleo de Arquivo Oficial de Rondônia, e nas próprias escolas da cidade.

Além disso, alguns memorialistas e historiadores (Pinto, 1993; Gomes, 2007) que já publicaram sobre a História da Educação de Porto Velho, ajudam entender outras questões da escolarização que também são tratadas em seus textos, tais como: a cultura, a imigração, as crises etc. Estes elementos são fundamentais para o cruzamento de dados pela história dessas instituições de ensino a partir das Páginas dos colégios rondonienses nas redes sociais do *Facebook*.

Quando adentramos à história da criação da rede social do *Facebook*, revisitamos o dia 4 de fevereiro de 2004, data da sua criação; apontada por jovens universitários de Harvard, o grupo visava criar um espaço no qual os sujeitos pudessem compartilhar opiniões, fotografias, no esforço de se criar uma rede de comunicação apenas para os estudantes da própria instituição. Todavia, em poucos meses a rede expandiu-se entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições. (ARRINGTON, 2005)

Já Mcmillan e Morrisson (2008) sugerem que os usuários do *Facebook* tratam sobre variados assuntos; nessa acepção, as postagens representam valores culturais, criatividade cotidianas, ações e práticas sociais (Chartier, 2009) para a produção e significação das histórias contadas nas redes sociais.

Movimentos pela educação rondoniense: diálogos com a vida escolar

Quais as histórias escolares mais lembradas pelos usuários? No esforço em interpretar e dar visibilidade ao *post* encontrado na Página da Escola Duque de Caxias no *Facebook*, considerado fonte para a historiografia da Educação rondoniense, foram observadas as postagens dos usuários

Morales

Evelyn e Alessandro Mendes Mendes, ex-alunos da Escola Estadual Duque de Caxias de Porto Velho, como se pode examinar a seguir.

Figura 1. Adaptação da Página da Escola Estadual Duque de Caxias de Porto Velho/RO no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/DuquedeCaxiasRo>. Acesso em 06/09/2018.

Os *posts* acima deixam entrever que a usuária Morales Evelyn é muito grata pela instituição de ensino Duque de Caxias, assim como o usuário Alexandro Mendes Mendes, atualmente morador do estado do Maranhão. Os sujeitos mantêm acesas as chamas da saudade da escola em que foram estudantes em Porto Velho. Entre outras leituras, é possível refletir que as escritas postadas produzem representações estudantis ao reconhecerem os valores sociais daquele educandário da região amazônica.

As escritas digitais descrevem nas entrelinhas outras histórias que perpassam a vida escolar, e podem servir para outros olhares de investigação. Conhecer sobre as histórias dessas escolas pode ser um caminho para tentar compreender os sentidos atribuídos às experiências manifestadas através dos relatos dos discentes, guardadas as singularidades de cada uma das expressões postadas pelos usuários nessas redes sociais virtuais.

Gomes (2007) destaca que entre 1943 e 1956, na alteração do Território do Guaporé para o Território Federal de Rondônia, muitas decisões políticas ocorreram, sobretudo no âmbito da Educação. Por sua vez, Lima (1993) ressalta que o primeiro Curso Normal foi regularizado através do Decreto 78, de 20 de abril de 1947, na Escola Normal Regional Carmela Dutra, ainda sobre o Território Federal do Guaporé; em 1956, a instituição de ensino seria denominada Escola Normal Carmela Dutra.

Um convite à história daquela instituição de ensino rondoniense foi lançado através das postagens na página do Colégio Estadual Carmela Dutra de Porto Velho no *Facebook*, como se pode examinar abaixo.

Figura 2. Adaptação da Página do Colégio Estadual Carmela Dutra no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/colegioestadualcarmeladutrapvh>. Acesso em 07/09/2018.

As práticas culturais dos usuários nas postagens na rede social da *web* abrem espaço também para as memórias de escolarização em Porto Velho; a imagem intitulada *Memória Rondoniense* procura apresentar o memorialismo do Colégio Estadual Carmela Dutra de Porto Velho, na tentativa de se revisitar a memória da instituição de ensino. Ciavatta (2002) sugere que a imagem fotográfica atuaria como ponto de partida da memória, sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo ou a um determinado passado escolar, procurando renovar os apelos dos sujeitos, aproximando-os de sua cultura, regionalidade, das suas histórias e representações.

Nesse amálgama de memórias dos usuários encenam-se pontos de vista, concepções e princípios; simultaneamente, em contrapartida, possíveis tensões e conflitos podem aparecer, abrindo, portanto, uma via de interrogação nas histórias escolares dos sujeitos. O conjunto dessas narrativas, possíveis caminhos virtuais de liberdade, convida a refletir também sobre as outras histórias escolares, como podemos observar a seguir.

Figura 3. Adaptação da Página do Colégio Estadual Carmela Dutra no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/colegioestadualcarmeladutravh>. Acesso em 07/09/2018.

A imagem no *post* acima possibilita refletir sobre o abandono das carteiras escolares; nesse sentido, nesse novo espaço social, os sujeitos compartilham as adversidades escolares, num esforço em dar visibilidade, bradar, convocar os interlocutores a uma movimentação pró-Educação. Sobre os estudos dos equipamentos escolares, Hernández Díaz (2002) reflete:

Cada objeto que observamos na escola ou na sala de aula nos conta sobre o estado da ciência, as técnicas de produção da indústria, sobre o grau de importação-exportação do país, do nível de desenvolvimento econômico de uma sociedade onde se produz ou utiliza, nos diz também como estão atualizados os mestres em matéria pedagógica, a procedência familiar e social de seus usuários ou proprietário, da vida cotidiana da escola [...] (HERNÁNDEZ DÍAZ, 2002, p. 233).

Não é difícil perceber o apelo por socorro advindo das vozes dos estudantes ao se

depararem com uma possível tragédia de chuva na instituição de ensino; a imagem postada reflete a vulnerabilidade da ocasião, com uma sala de aula alagada, carteiras dos estudantes arrastadas, chão inundado; assim, o conceito de representação defendido por Chartier (2009) se torna útil, na medida em que se propõe a classificação e delimitação das realidades construídas pelos grupos, para se compreenderem as práticas sociais virtuais como maneiras de ser e estar no mundo, também guarnecidas de significados pró-Educação.

A imagem a seguir postada na página da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco procura enfatizar a Jornada de Lutas da Juventude; numa tentativa de convocar os estudantes, procura destacar outro Movimento Pró-Educação dos sujeitos nessa rede social.

Figura 4. Página adaptada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/EEEFMRioBranco>. Acesso em 17/03/2017.

O quadro procura apresentar o mapa do Brasil com as datas dos encontros nas respectivas regiões do país; a postagem na página da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco no *Facebook* clama pela participação dos sujeitos; o Movimento acena por mais Educação, Trabalho e Direitos Humanos. As reflexões de Nicolaci-da-Costa (2006) sugerem que o computador e a internet se metamorfosearam em instrumentos tecnológicos multifuncionais, uma experiência cotidiana na qual apenas alguns elementos (texto, imagem, som) em detrimento de outros (texturas, odores, sabores) personificam-se em espectros pelos quais os usuários se manifestam, abrindo espaço para rerepresentação dos cenários escolares nas páginas do *Facebook*.

Há também nessas postagens uma preocupação em manter-se unido, ligado, aos seus amigos, criando um possível sentido de Movimento unido pela Educação, entre os laços sociais das fronteiras virtuais. Sibilia (2008) instiga a pensar sobre a transformação tecnológica ao entender que nesse novo contexto, cabe à tela, ou à mera visibilidade, a capacidade de conceder um brilho extraordinário à vida comum recriada no rutilante espaço midiático, essa estranha sede de visibilidade que marca as experiências subjetivas contemporâneas.

Na postagem do usuário MR: "Personalidades massa na cidade. Não fique embaçado... Anote na sua agenda para não perder!" é possível observar que as palavras "massa" e "embaçado" procuram aproximar os sujeitos a partir de suas experiências linguísticas. A postagem pode reforçar a existência de um auditório social (Freitas, 2005), ou em outras palavras, uma rede social virtual.

Para Bakhtin (2006), o que determina a palavra é o que ela procede de alguém e se

dirige para alguém; no entanto, essa orientação para o outro subentende que se leve também em consideração uma interação social que permeia a relação ente os interlocutores em dada esfera da comunicação verbal. Desse modo, o discurso nasce, portanto, de uma situação pragmática (Fiorin, 2008) e está intimamente conectado a essa situação que o engendrou, por isso não pode dissociar-se do social, do regional, sob pena de perder a sua significação.

A competência linguística do sujeito propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas: “não contamos piada em velório, nem cantamos o hino do nosso time de futebol em uma conferência acadêmica, nem fazemos preleções em mesa de bar” (Koch, 2010, p.54). Nessa acepção, é essa competência que possibilita aos sujeitos de uma interação não só diferenciar os diversos gêneros linguísticos, isto é, saber se estão diante de um horóscopo, bilhete, diário, poema, anedota, aula, conversa telefônica, como também identificar as práticas sociais que os solicitam.

Os *posts* da Página da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco do *Facebook* também fazem parte da vida dos sujeitos; os estudos de Olson (1997) procuram interpretar as mudanças culturais associadas às mudanças nas formas de comunicação em termos de alterações nas práticas de escritas sociais:

Os efeitos da escrita sobre as mudanças intelectuais e sociais não são de fácil compreensão... É enganoso pensar a escrita em termos de suas consequências. O que realmente importa é aquilo que as pessoas fazem realmente com ela, e não o que ela faz com as pessoas. [...]a posse de um registro escrito pode permitir que se faça algo antes impossível: reavaliar, estudar, analisar, reinterpretar e assim por diante [...]. (OLSON, 1997, p. 7)

Se as esferas de utilização da língua são extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, inclusive aqueles encontrados nas redes sociais do *Facebook*, como podemos examinar a seguir.

Essa escola eh o bicho...

Venha pra cá...Ela é D+.

As postagens dos usuários SM e MP nas quais relatam os seus pertencimentos à instituição de ensino, também podem oferecer um tom saudoso dos tempos escolares; estas práticas discursivas das quais participam os sujeitos são modeladas, remodeladas, produzindo novas significações junto aos movimentos linguísticos dos sujeitos. Nesse sentido, Bakhtin (2006) sugere:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2006, p.55)

As postagens memorialísticas escolares encenam outras temáticas do cotidiano escolar, que também circulam nessas redes sociais virtuais. Há partilhas de memórias com outras experiências vividas na instituição de ensino, como por exemplo, as participações culturais na instituição de ensino pelos estudantes, o que pode revelar práticas educativas diferenciadas na escola; é o que se pode examinar na figura a seguir.

Figura 5. Adaptação da Página do Colégio Barão de Solimões no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/colgiosolimoespvh>. Acesso em 08/09/2018.

Os novos talentos no evento artístico intitulado “Arte no Barão” foi um comentário no *post* encontrado também nessa rede social virtual. Estudantes e possivelmente educadores permanecem envolvidos nessa programação diferenciada, despertando, portanto, mais discentes para o festival musical. As imagens desvelam o espaço com a participação de alguns cantores acompanhados de violão e guitarra; o projeto musicalizado, como num movimento pró-Educação, também procura apresentar essa ação escolar diferenciada, aproximando-nos dos estudos de Halbwachs (2013) ao ajudar a refletir sobre o pertencimento pessoal a um determinado lugar, que também é formado por diferentes grupos, estabelecendo, portanto, as bases para a conservação da cultura e da memória.

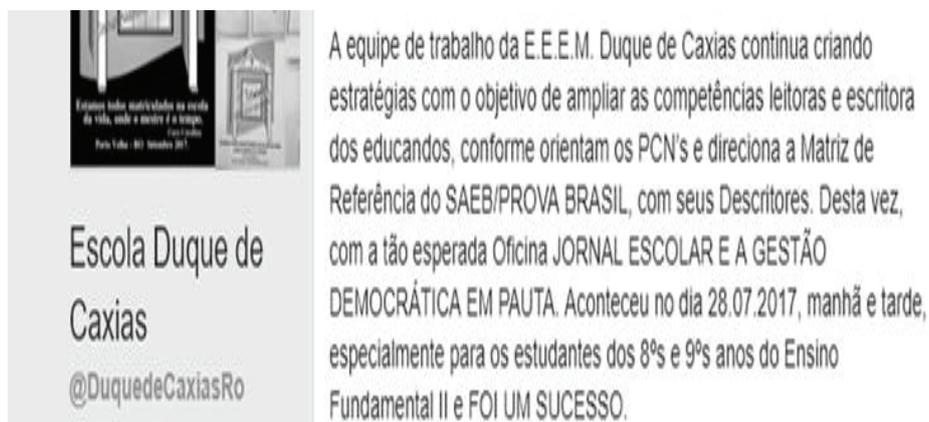
Os objetivos de uma escola define a maneira como organiza o seu currículo e o papel de cada disciplina que elege como necessárias ao desenvolvimento do alunado que atende. As disciplinas básicas, organizadas segundo a legislação educacional brasileira, pressupõem o acréscimo e valorização de outras porque

“consiste[m], em cada caso, em colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa”. (CHERVEL, 1990, p.188)

As fotografias têm a função mágica de imortalizar o momento, aprisionando o tempo, capaz de tornar eterno um instante que não voltará, a menos que incitem a memória, provocando as recordações; seguindo essa linha de pensamento, CIAVATTA (2002, p. 32) destaca: “a imagem fotográfica atuaria como ponto de partida da memória sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo, a um determinado passado”.

Os repertórios narrativos nas páginas dos colégios no *Facebook* ilustram o cotidiano escolar; os seus significados, portanto, são tão mais distintos quanto mais distintas forem as memórias dos sujeitos, como se pode examinar abaixo.

Figura 6. Adaptação da Página da Escola Estadual Duque de Caxias no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/escoladucedecaxias.pvh>. Acesso em 08/09/2018.

A principal preocupação do *post* acima encontrado na Página da Escola Duque de Caxias no *Facebook* é o de poder destacar as ações educativas da equipe de trabalho da instituição de ensino, procurando ampliar o debate sobre competência leitora e escritora dos educandos. O acontecimento parece confirmar os movimentos pró-Educação nessa rede social virtual; na consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas memórias, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam e a forma como são rememoradas.

Escuta sensível para as vozes das redes sociais virtuais: considerações finais

Sem a pretensão de se esgotar o debate sobre as postagens escolares nas páginas das redes sociais dos colégios rondonienses no *Facebook*, esse texto procurou espiar por uma fresta as histórias escolares, mais especificamente, os possíveis sentidos de Movimentos pró-Educação, que também estão nas telas do computador, fortalecendo os laços de participação ativa e democrática dos estudantes nas causas que perpassam a Educação e a cultura da visibilidade em tempos de internet.

Quando o assunto são as imagens, há de se destacarem também os estudos de Chartier (2009), ao poderem oferecer subsídios teóricos no esforço em se poder refletir que as fotografias auxiliam na compreensão da história de fatos; por não se configurarem em depoimentos ou documentos escritos, ainda assim permitem revelar aspectos que não foram elucidados nessas outras formas de registro; no entanto, permitem evidenciar o potencial da fotografia como documento de investigação histórica, social e cultural ampliando sua moldura.

As imagens ilustrativas dos *posts* nas diferentes Páginas das escolas do estado de Rondônia no *Facebook* manifestam-se como elementos singulares para a materialização da memória, propiciando uma autenticidade que as outras fontes historiográficas não conseguiriam; com tal característica, a produção imagética constitui um legado cultural, permitindo, assim, conhecer as peculiaridades dos grupos retratados e da própria sociedade.

As postagens dos sujeitos representam valores culturais, simbólicos, o que pode remeter às reflexões de Certeau (1982) sobre com os modos de proceder na criatividade cotidiana, sobre as táticas dos usuários para o reconhecimento da Educação no estado de Rondônia; como num apelo para uma escuta sensível, os sujeitos procuram apresentar as vozes e as experiências das vidas escolares nas redes sociais virtuais.

Mas quem disse que isso é o fim? As postagens na rede social do *Facebook* são como ondas espalhadas nos mares virtuais; dispersas, à deriva, também apresentam histórias escolares dos usuários, quem sabe, ainda não registradas em nenhum documento oficial. Nessa acepção, os *posts* dos sujeitos, como num convite, estarão à disposição dos pesquisadores que desejarem investigar, pesquisar as histórias das instituições de ensino rondonienses e os seus

possíveis diálogos e movimentos pró-Educação da Amazônia ocidental.

Referências

ARRINGTON, M. **85% of college students use Facebook**. TechCrunch, Fevereiro, 4, 2005. Disponível em: <http://www.techcrunch.com/2005/09/07/85-of-college-students-use-facebook>. Acesso em: 17mar2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BLOCH, M.L.B. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2002.

CAMPOS, R. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs) **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e Educação**. Santa Maria: editora da UFSM, 2013, p. 21-48.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930). 1ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CHARTIER, R. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. 2ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. *Teoria & Educação*, n. 2, 1990, p. 177-229.

FIORIN, J.L. **Elementos de análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FREITAS, M. T. A. A escrita na internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo? In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. (Orgs). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 29-36.

GOMES, P. A. **A educação escolar no Território Federal de Guaporé (1943-1956)**. 2007. 148 f. (Mestrado em História da Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. Etnografia e historia material de la escuela. In: ESCOLANO BENITO, A.; HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M.(coords). **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educacion deseada**. Valencia. Tirant lo Blanch. 2002. pp. 225-246

JELIN, E. **La Lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social**. 2ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2017.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LIMA, A. M. **Achegas para História da Educação no estado de Rondônia**. 1ª ed. Porto Velho: SEDUC, 1993.

MCMILLAN, S. J. & MORRISON, M. **Coming of age with the Internet: a qualitative exploration**

of how the Internet as become an integral part of young people's lives. *New media Society*, 8, 2008, p.73-95.

MARTINS, R. Notas sobre autobiografia, narrativas/imagens digitais e artes. MIGNOT, A. C.; MORAES, D. Z.; MARTINS, R.(Orgs.). **Atos de biografar**: narrativas digitais, história, literatura e artes. Curitiba: ed. CRV, 2018, p. 51-62.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (org). **Cabeças Digitais**: o cotidiano na era da informação. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed.PucRio, 2006.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História* São Paulo: PUC. n. 10, pp. 07-28, dez. 1993.

OLSON, D. R. A escrita e a mente. In: WERTSCH, J. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997. pp. 89-111.

PINTO, E. P. **Rondônia, evolução histórica**: criação do Território Federal do Guaporé, fator de integração nacional. 1ª ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, F.; ESCANDELL MONTIEL, D. **El gabinete de Fausto**: teatros de la escritura y la lectura a um lado y otro de la frontera digital. 1ª ed. CSIC: Madrid, 2014.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMÕES, R. F. **Memórias digitais**: histórias escolares nas comunidades do Orkut. 1ª ed. Appris: Curitiba, 2018.

THOMSON, A. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Revista Projeto História – Ética e História Oral*. Programa de Estudos Pós-graduados em História. São Paulo: EDUC, 1997, pp. 5184.

Recebido em 18 de março de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.